

O OLHAR ENQUANTO GESTO-SENTIDO PARA A ANÁLISE DE DISCURSO

THE LOOK AS A GESTURE-SENSE FOR DISCOURSE ANALYSIS

Kawan Gabriel Fernandes Pereira¹

Universidade do Vale do Sapucaí

Diego Henrique Pereira²

Universidade do Vale do Sapucaí

Resumo: Esta pesquisa pensa o conceito de Gesto-sentido, como ponto de interseção entre o corpo e o dizer enquanto memória discursiva, envolvidos pelas condições de produção, ou seja, pela conjuntura, processos sócio-históricos que se movimentam pela memória do dizer, tendo como objeto de pesquisa o olhar e suas derivas. Com o fito de compreender os movimentos discursivos produzidos pelo/no olhar, este trabalho utiliza de diferentes recortes – materialidades significantes – na composição do corpus de análises, tais como matérias, imagens e formulações. Assim, para se analisar tais recortes, foi empregado o método da Análise de Discurso Francesa, de viés pecheutiano e orlandiano, possibilitando assim, desestabilizações em torno dos efeitos de evidência sobre as significações possíveis do Gesto-sentido de olhar, tendo em vista a noção proposta pela AD de que o sujeito é constituído também pelo inconsciente – formações ideológicas, que sofre, constantemente, efeitos dessa constituição na produção discursiva. Desse modo, fez-se possível compreender discursivamente o olhar e interpretar suas possíveis significações produzidas em diferentes condições de produção, observando a memória discursiva funcionando a partir de diferentes enunciados. Assim, observou-se como as derivas são produzidas a partir dos possíveis sentidos do olhar, engendrando desde uma simples ação

¹ Graduando em Letras - Português/ Inglês, atualmente no 7º período, pela Universidade do Vale do Sapucaí - UNIVÁS. Atua como professor de Língua Portuguesa na Escola estadual Magalhães Carneiro desde fevereiro de 2024. Fez parte do PIVIC/UNIVÁS (Programa Voluntário de Iniciação Científica), no qual realizou sua pesquisa: O Olhar enquanto Gesto-sentido para a Análise de Discurso. Atuou como professor de Gramática no Colégio Máximus educacional de Ouro Fino (MG) no ano de 2024. E-mail: kawangfer@hotmail.com

² Pós-doutor em Educação, Conhecimento e Sociedade pela Universidade do Vale do Sapucaí (2021). Doutor (2019) e Mestre (2016) em Ciências da Linguagem pela Universidade do Vale do Sapucaí, filiado a linha de pesquisa da Análise de Discurso Francesa (Pêcheux e Orlandi). Especialista em Educação Especial pela Universidade do Vale do Sapucaí (2023). Especialista em Neuropsicologia e Neuropedagogia nos processos de aprendizagem pela Universidade do Vale do Sapucaí (2022). Especialista em Psicologia Organizacional e Educação Corporativa pelo Centro Universitário Barão de Mauá (2015). Especialista em Gestão Estratégica do Capital Humano pelo Centro Universitário do Sul de Minas (2012). Graduado em Gestão pelo Centro Universitário do Sul de Minas (2010). Certificação Internacional como Analista Comportamental pela Sommerfeld / Sólides (2018). Coordena o Grupo de Pesquisa Linguagem, Educação e suas discursividades (LEduDi), certificado pelo CNPq. Diretor da Unidade Acadêmica Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Eugênio Pacelli da Universidade do Vale do Sapucaí. Coordena a Pós-graduação Lato Sensu da Universidade do Vale do Sapucaí. Professor permanente do Programa de Pós-graduação em Educação, Conhecimento e Sociedade - PPGeduCS. Professor em diferentes cursos de Pós-graduação Lato Sensu em distintas instituições. Professor de Graduação em diferentes cursos na Universidade do Vale do Sapucaí. Editor chefe da Revista Científica DisSoL. E-mail: diegopereira@univas.edu.br

anatômica de movimentar os músculos faciais, até inúmeras regionalizações possíveis dos dizeres – formações discursivas – do/sobre o olhar.

Palavras-chave: Linguagem; Olhar; Gesto-sentido; Análise de Discurso.

Abstract: This research considers the concept of Gesture-sense, as a point of intersection between the body and discourse as a discursive memory, involved by the conditions of production, that is, by the conjuncture, socio-historical processes that move through memory of saying, taking the look (gaze) and its drifts as the object of research. In order to understand the discursive movements produced by/in the look, this work uses different excerpts – significant materialities – in the composition of the corpus of analysis, such as articles, images and discursive formulations. Thus, to analyze such excerpts, the French Discourse Analysis method was used, with a pecheutian and orlandian bias, thus enabling destabilizations around the effects of evidence on the possible meanings of the gesture-sense of looking, taking into account the notion proposed by AD that the subject is also constituted by the unconscious – ideological formations, which constantly suffers the effects of this constitution in discursive production. In this way, it became possible to discursively understand the look and interpret its possible meanings produced in different production conditions, observing the discursive memory functioning from different utterances. In this context, Thus, it was observed how the drifts are produced from the possible meanings of the look, engendering everything from a simple anatomical action of moving the facial muscles, to countless possible regionalizations of sayings – discursive formations – of/about the look.

Keywords: Language; The look; Gesture-sense; Discourse Analysis.

Submetido em 16 de outubro de 2024.

Aprovado em 13 de janeiro de 2025.

Introdução

Assim como o silêncio está para as palavras, o olhar também está para as palavras, afinal o olhar aparece “no lugar” das palavras, sobrepõe o verbal a partir do Gesto-sentido de olhar, e é justamente esse enlace – interação e deriva – que é nomeado como Gesto-sentido, movimentação entre a expressão física do olhar, e as condições de produção do dizer (e o silêncio já funciona no dizer). Conquanto, pode-se pensar o *olhar* a partir deste conceito, além de meramente certo movimento dos músculos faciais, mas, sim, um Gesto-sentido, ou melhor, o olhar é produzido pelo tripé que o produz, o dissolve e o leva para outros lugares de significação: corpo – memória discursiva – condições de produção.

Tomando biologicamente a significação do olhar, ele é relacionado tanto aos sistemas neurológicos, quanto ao sistema muscular facial, chamado, então, de processos neuropsicofisiológicos. Sobretudo, o olhar é visto, inclusive, como expressão de uma emoção, reação afetiva sujeita a estímulos exteriores, produzindo também funcionamentos psicofisiológicos. É de suma necessidade dizer que, para a AD, a

expressão corporal/facial não é um conceito que faz parte do dispositivo, porém, pode ser utilizada para compreender o que é discursivizado sobre o que se busca compreender como gesto-sentido.

No entanto, pode-se perceber que o primeiro ‘elemento’ (corpo), pensado no tripé do Gesto-sentido, é constituído por funcionamentos físicos, psicológicos, neurológicos e sociais do ser humano, movimento, ao mesmo tempo, confuso e processual dos músculos, sistema nervoso e memória; discurso sendo produzido pelo e no corpo, a partir de um gesto, que não mais só expressão física, mas, para a AD, gesto-memória, gesto-intradiscurso, gesto-interdiscurso, gesto-sentido.

A memória discursiva (interdiscurso), elemento de constituição do Gesto-sentido, seria uma teia de dizeres que se relacionam, ideologia produzindo sentidos em uma relação não regular, caracterizada por uma materialidade específica articulada sobre a materialidade econômica, interpelando, assim, o indivíduo em sujeito.

A memória discursiva seria aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ser lido, vem restabelecer os ‘implícitos’ (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos-transversos, etc.) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível (PÊCHEUX, 2015, p.46).

As condições de produção versam, portanto, sobre o entrelaçamento do discurso com a ideologia, permitindo ao analista, a partir de uma análise dessas condições, averiguar a estruturação do discurso. A forma como ele se estrutura é o que denota a constituição de seu sentido e a abrangência de seu efeito. Segundo Orlandi (2001, p.28), “compreendem fundamentalmente os sujeitos e a situação”.

Michel Pêcheux (1997) considera que “o processo de produção do discurso é definido como “o conjunto de mecanismos formais que produzem um discurso de tipo dado em ‘circunstâncias’ dadas”. Tais “circunstâncias” do discurso são suas condições de produção. O autor se estende, exemplificando que o discurso “sempre é pronunciado a partir de condições de produção já dadas”, como um político, um líder, porta-voz de grupos que representa interesse, ou grupo isolado se encontra inserido “na relação de forças existentes entre os elementos antagonistas de um campo político dado”. Aquele que enuncia, então, ocupa lugares diferentes e suas declarações podem ter papéis também distintos, isso “depende da posição do orador e do que ele representa, em relação ao que diz” (PÊCHEUX, 1997, p.74).

No entanto, o *Gesto-sentido olhar* é pensado, aqui, a partir da sua formulação que tem como suporte material o corpo neuropsicofisiológico, o social (expressões e práticas ideológicas), a memória (mesmo sem palavras, memória em alvoroço), relacionados às condições de produção.

1. Da Teoria do Discurso

Antes de tudo, faz-se necessário dizer que o presente artigo possui como ponto de partida e filiação teórica a Análise de Discurso pecheutiana e orlandiana. Dito isso, ainda é imprescindível que seja feita uma breve contextualização sobre essa área, a qual se constitui no entremeio de três disciplinas: a Linguística, de Saussure, o Materialismo histórico, de Marx, e a Psicanálise de Freud. Desse modo, diz-se que a Análise de Discurso (AD):

Interroga a Linguística pela historicidade que ela deixa de lado, questiona o Materialismo perguntando pelo simbólico e se demarca da Psicanálise pelo modo como, considerando a historicidade, trabalha a ideologia como materialmente relacionada ao inconsciente por ele (ORLANDI, 2001, p.20).

Logo, a AD transcende os limites desse conjunto disciplinar, questionando-o ao mesmo tempo que retoma noções basilares desses três ricos campos; trazendo consigo um importante objeto de estudo: o discurso, que representa a linguagem em curso, em seu funcionamento e acontecimento, é o movimento constante de produção/efeito de sentidos. Tal objeto difere-se, portanto, do esquema elementar de comunicação proposto pela Linguística saussureana, visto que, para a AD, “A linguagem serve para comunicar e para não comunicar” (ORLANDI, 2001, p.21). O discurso, então é a produção de sentidos que se dá a todo instante, quer ela comunique, quer não. Assim, ainda que nem sempre haja uma comunicação afinal, os locutores buscam se fazer entender. “[...] o discurso é efeito de sentidos entre locutores”. (ORLANDI, 2001, p.21)

Nesse jogo do discurso, tem-se a impressão de que os sujeitos são a origem do dizer, ou seja, de que são criadores de tudo aquilo que dizem. Contudo, a AD mostra que os dizeres não são criados a partir do sujeito, mas, sim, com ele, ou seja, ao enunciar, sujeitos e sentidos são produzidos de maneira concomitante, laço indissociável. “Vale lembrar que sujeito e sentido se constituem ao mesmo tempo, na articulação da língua com a história, em que entram o imaginário e a ideologia” (ORLANDI, 2007, p.99 – 100).

Ao dizer, o sujeito do discurso retoma outros dizeres possíveis, que já foram ditos em algum lugar, independentemente. Nessa perspectiva, tem-se o que a AD chama de Esquecimento 01:

[...]o esquecimento número um [...] é da instância do inconsciente e resulta do modo pelo qual somos afetados pela ideologia. Por esse esquecimento temos a ilusão de ser a origem do que dizemos quando, na realidade, retomamos sentidos pre-existentes. (ORLANDI, 2001, p.35)

Ao dizer de um jeito e não de outro, o sujeito esquece que poderia enunciar determinado dizer de outra forma. Essa noção é chamada pela AD de Esquecimento 02:

O esquecimento número dois, que é da ordem da enunciação: ao falarmos, o fazemos de uma maneira e não de outra, e, ao longo do nosso dizer, formam-se famílias parafrásticas que indicam que o dizer sempre podia ser outro. (ORLANDI, 2001, p. 35)

O Interdiscurso é “[...] aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente” (ORLANDI, 2001, p.31), ou seja, é uma “memória coletiva” que permite a possibilidade do dizer e, assim, a produção de sentido. Orlandi (2001) afirma que a Memória Discursiva é o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra. Nessa perspectiva, percebe-se que o dizer só é possível por conta dos já-ditos, isto é, para que os dizeres formem um sentido, é preciso que já tenham um simbólico. A mesma autora diz ainda que as palavras simples do cotidiano já chegam aos sujeitos carregadas de sentidos que não se sabe como se constituíram e que, no entanto, significam neles e por eles. Desse modo, diz-se que a Memória Discursiva é da ordem da Constituição, visto que são os sentidos já constituídos que possibilitam o dizer, o qual é da ordem da Formulação.

A constituição determina a formulação, pois só podemos dizer (formular) se nos colocamos na perspectiva do dizível (interdiscurso, memória). Todo dizer, na realidade, se encontra na confluência dos dois eixos: o da memória (constituição) e o da atualidade (formulação). E é desse jogo que tiram seus sentidos. (ORLANDI, 2001, p. 33)

Ademais, outro conceito da AD crucial para o entendimento deste artigo é a de Condições de produção. De acordo com Eni Orlandi, essa noção se subdivide em condições de produção amplas e imediatas, sendo a primeira o contexto sócio-histórico e

ideológico no qual o sujeito está inserido e a segunda, o contexto imediato da enunciação/do dizer (2001). Com o fito de ilustrar essas duas noções, toma-se, nesse momento, uma exemplificação: Ao se pensar na figura de uma mulher lendo um livro no contexto hodierno, efeitos de sentido positivos são produzidos, tais como “dedicação”, “educação” e “cultura”. No entanto, ao se pensar essa mesma figura, porém inserida no contexto da Idade Média, os efeitos de sentidos produzidos seriam de “bruxaria” e “ocultismo”. Em ambos os casos, o dizer é o mesmo, entretanto o contexto histórico em que o sujeito está inserido não é mesmo, ou seja, as condições de produções amplas não são as mesmas e, portanto, os sentidos produzidos também são outros. Assim, evidencia-se, por exemplo, que dizer “Olá. Tudo bem?” numa sala de aula produz determinados sentidos, ao passo que esse mesmo enunciado ao ser dito num velório produzirá efeitos de sentidos completamente diferentes, uma vez que as condições de produção imediatas, isto é, o contexto imediato não é o mesmo.

Podemos considerar as condições de produção em sentido estrito e temos as circunstâncias da enunciação: é o contexto imediato. E se as considerarmos em sentido amplo, as condições de produção incluem o contexto sócio-histórico, ideológico (ORLANDI, 2001, p. 30).

Além do *dizer* poder significar diferentemente de acordo com o contexto em que está inserido (condições de produção), esse *dizer* também significa de outra maneira a partir das regionalizações do Interdiscurso (já-ditos) em que ele se insere. Essa regionalização do dizer, chamada de formação discursiva, é constituída a partir de uma formação ideológica dada (posição ocupada na conjuntura sócio-histórica).

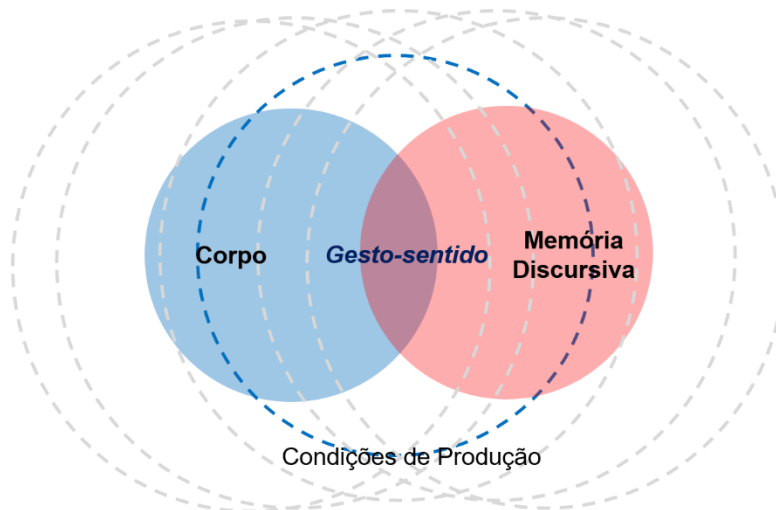
[...] *as palavras, expressões, proposições, etc., mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam*, o que quer dizer que elas adquirem seu sentido em referência a essas posições, isto é, em referência às *formações ideológicas* [...] nas quais essas posições se inscrevem. Chamaremos, então, *formação discursiva* aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado de luta de classes, determina *o que pode e deve ser dito* (PÉCHEUX, 2009, p. 146 – 147).

2. Do Gesto-sentido

Apresentadas algumas noções da Análise de Discurso, uma outra noção torna-se elementar para esta discussão: o Gesto-sentido. Para Pereira (2021, p. 28) o Gesto-sentido é “[...] ponto de interseção entre o corpo e o dizer enquanto memória discursiva (palavras e silêncio), envolvidos pelas condições de produção, ou seja, pela conjuntura, processos

sócio-históricos que se movimentam pela memória do dizer”, no entanto, o Gesto-sentido é produzido quando uma ação/gesto, assim como um dizer, gera processos de significação, a partir do corpo atravessado por uma memória discursiva e em condições de produção específicas, produz efeitos de sentido.

Recorte 1: Esquema sobre Gesto-sentido



Fonte: Pereira, 2019.

Na obra “(Só)riso? O sorriso como discurso: pelo movimento do *Gesto-Sentido*”, Pereira (2021) toma como objeto de análise o sorriso, o qual é pensado não apenas por uma via psicofisiológica, mas como discurso. O gesto de sorrir significa e é significado pelo seu funcionamento sócio-histórico na constituição do humor, da alegria, das convenções sociais e das mais diversas emoções humanas.

Assim, o presente artigo enxerga seu objeto de análise sob a ótica supracitada, propondo colocar em evidência o olhar enquanto acontecimento discursivo, produção de sentidos, que se dá no jogo da linguagem e enquanto acontecimento do/no corpo, ato que produz significações, Gesto-Sentido.

3. Do Olhar enquanto Gesto-Sentido

Conceber o olhar enquanto Gesto-sentido é entender que sua materialidade significante vai além do corpo físico/biológico, abrindo espaço para o Gesto-sentido, que é influenciado não só pelo corpo neuropsicofisiológico, mas também pelo corpo sócio-

histórico. Assim, no jogo do interdiscurso, memória discursiva em curso, o olhar significa e é significado não apenas como um gesto corporal, mas, sim, como discurso.

Para iniciar essa discussão, faz-se necessário recorrer à definição denotativa (aquela presente no dicionário) do olhar. Assim, são encontrados como resultados principais:

Recorte 2: definição de olhar

Ato de olhar, de mover os olhos para ver, para enxergar: fiquei apaixonada pelo seu olhar.

Maneira de olhar que traz consigo emoções, sentimentos: seu olhar reflete sua dor.

Fonte: Dicio, Dicionário Online de Português

Disponível em: <https://www.dicio.com.br/olhar/>. Acessado em: 10 de jun de 2023

Ao se analisar tais definições, faz-se tendencioso presumir que o olhar é uma materialidade que se encontra exclusivamente interligada com o sentido físico da *visão*. Pois, ao defini-lo como ato de mover os olhos para ver/ para enxergar, pressupõe-se primeiramente que o olhar é o antecedente do ver, ou seja, é preciso olhar para se poder ver. Todavia, a definição, na maneira semântica como foi escrita, cria um efeito de sentido de que o ver equivale ao enxergar, transmitindo, desse modo, o efeito que ambos possuem o “mesmo” significado. Logo, um questionamento emerge: Seria *ver* o mesmo que *enxergar*? Estaria o olhar exclusivamente relacionado à *visão*? E assim sendo, como é possível que no cotidiano, por exemplo, peçamos a alguém que deguste, escute ou até mesmo sinta o cheiro de algo dizendo “Olha só”? E, afinal de contas, o que é o *Olhar*?

Vale salientar que a AD não se preocupa com o que o sujeito quis dizer, ou seja, com a intenção do sujeito, mas, sim, com o funcionamento discursivo do que foi dito e, assim, preocupa-se em analisar aquilo que “resta” desse dizer, suas possibilidades outras de significação, suas derivas, suspendendo as evidências.

[...] aquela que não explica, nem serve para tornar inteligível ou interpretar o sentido, mas que nos leva a melhor compreender os processos de significação, o modo de funcionamento de qualquer exemplar de linguagem para significar. Com efeito, a relação que a análise do discurso estabelece com o texto não é para dele extrair um sentido, mas sim para problematizar essa relação, ou seja, para tornar visível sua historicidade e observar a relação de sentidos que aí se estabelece, em função do efeito de unidade. (ORLANDI, 2007, p.173)

Portanto, vale retomar que o presente artigo toma o olhar como discurso e não somente como o ato fisiológico de direcionar os olhos para que se possa ver/enxergar. Assim, segundo Orlandi, pode-se somente pensar o *Olhar*:

[...] sem cair na armadilha dessa relação, quando se pensa o 'avesso da estrutura', sem o binarismo, sem as oposições e regras estritas e categóricas. Quando se pensam radicalmente não os produtos, mas os *processos de significação*, isto é, *discurso*". (ORLANDI, 2007, p. 30-31)

Como recorte para análise, segue a matéria, presente no site Psicologia-Online, intitulada de “Tipos de olhares” (janeiro de 2023), cujos referenciais teóricos apresentados são Canales Lacruz, I. (2009) e Touraine, A., & Martínez, A. (1979). Em suma, a matéria afirma que o olhar é uma das maneiras mais versáteis de expressar sentimentos e emoções, sendo, através dele, possível se comunicar muito, sem precisar dizer uma única palavra. Por tal motivo, segundo os autores, os olhos são frequentemente chamados de "a janela da alma", e cada tipo de olhar carrega um significado diferente. Além disso, é dito também que, como não é possível controlar as pupilas de forma consciente, os olhos não mentem e respondem aos estímulos de maneira transparente.

A concepção do olhar apresentada pela matéria supracitada vai completamente contra a concepção que busco elucidar neste artigo por meio da AD. Assim nas palavras dos autores da matéria, especificamente no trecho “[...] por meio do olhar é possível transmitir muitas coisas *sem dizer* uma única palavra”, há um afastamento do dizer enquanto gesto, sendo significado somente como palavras, efeito de primazia do verbal, face ao não-verbal. No entanto, o olhar em si já é um *dizer*, já é uma *produção de sentidos*. Para Eni Orlandi (2001), o dizer não se refere apenas às palavras, à fala, à pura emissão de informações, mas, sim, à produção discursiva, a como o sentido se forma na materialidade da língua, por isso, pensamos aqui o olhar como um Gesto-sentido.

Outro ponto do recorte que também destoa de como podemos significá-lo é a afirmação de que cada olhar transmite UM significado – “[...] e *cada tipo de olhar tem UM significado diferente*.”. Todavia, discursivamente, o olhar não poderia transmitir um único significado, pois, produz sentidos a partir de suas condições de produção e, atravessado pela Memória Discursiva. Logo, para a disciplina em questão, o *Olhar*, como outros Gestos-sentido, não apresenta uma significação engessada, afinal, o discurso se constitui pela linguagem em movimento, pelas derivas, pela suspensão das evidências.

Ainda sobre este recorte, eis um ponto pertinente que merece debate, que se dá pelos dizeres: “[...] como *não podemos controlar intencionalmente nossas pupilas*, os olhos não mentem e respondem aos estímulos de *forma transparente*” Entretanto, ao se considerar o olhar enquanto discurso e, portanto, acontecimento contínuo de significações, esse não-controle ultrapassa o fisiológico, produzindo enquanto linguagem a não-linearidade, a opacidade e a não-transparência, instância que distancia a interpretação una e pragmática do olhar, afastando significações transparentes.

Assim, nota-se que não apenas não controlamos a pupila como também não se pode controlar a linguagem, nem os sentidos. Logo, o olhar não responde a um estímulo transparente, mas sim à *opacidade da linguagem*.

Na mesma matéria, uma tabela é posta em circulação, com o título “*Tipos de olhares*”:

Recorte 3: Tipos de olhares

Psicologia-Online 

TIPOS DE OLHARES	
OLHAR DIRETO	Pode ser interpretado como um ato de interesse, de poder ou de dominação
OLHAR PARA CIMA	Costuma indicar que a pessoa é tímida e que prefere ceder o controle para os outros
OLHAR VERTICAL	A pessoa realiza um estudo de cima a baixo do que está vendo
OLHAR PARA BAIXO	Insegurança, medo, desinteresse ou pouco autoestima
OLHAR QUE BRILHA	Expressa amor, alegria e fascinação ao encontrar algo valioso
OLHAR CONCENTRADO	Expressa amor, alegria e fascinação ao encontrar algo valioso
OLHAR ROUBADO	Observadora se certifica de olhar a partir de um único ângulo para que não seja descoberto/a.
OLHAR NERVOSO	Este tipo de olhar é comum em pessoas que estão sob pressão
OLHOS BRANCOS	A pessoa se sente superior ou que não está de acordo com o que alguém lhe diz

Fonte: Psicologia Online

Disponível em: <https://br.psicologia-online.com/tipos-de-olhares-1425.html>. Acesso em: 11 de jan de 2024.

É importante salientar que o texto em questão concebe o olhar da mesma forma que a definição do dicionário mencionada anteriormente: como o ato de mover os olhos para ver, um gesto meramente neurofisiológico, uma expressão corporal. A despeito disso, é possível pensar que a expressão é, irredutivelmente, pensada como singular e objeto de classificações empreendidas para congelá-la; muito distante como pensamos

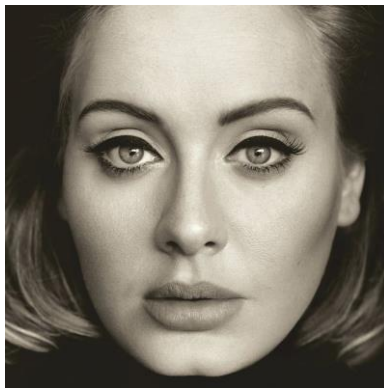
hoje pela teoria do discurso de Pêcheux (Pereira, 2021). Logo, para a AD, um olhar enquanto movimento do olho, não produz um sentido fixo, afinal seu sentido pode ser sempre outro.

Por isso, trato o corpo neuropsicofisiológico e social, atravessado pela memória discursiva em determinadas condições de produção como *gesto-sentido*, ou seja, os braços cruzados podem produzir inúmeros outros sentidos pela determinação histórico-discursiva do que é cruzar o braço em determinadas condições de produção, por exemplo, um sujeito que cruza os braços porque está com dores nos mesmos, passa longe da significação de repulsa ou timidez, pois o corpo neuropsicofisiológico, de maneira atuante, afeta tal expressão, que, nesta pesquisa, chamamos de *gesto-sentido*. (PEREIRA, 2021, p.65)

Por isso, afirmar que um “olhar para cima” pode ser interpretado unicamente como um ato de timidez, silencia todas as outras possibilidades que a linguagem – indomável – produz. Dessa forma, nota-se que a matéria, sugere que cada expressão corporal (olhar) coincida com certo(s) significado(s) e acaba por cristalizar os movimentos de interpretação e suas possíveis significações.

No contexto desse debate, propõe-se a análise do seguinte recorte:

Recorte 4: Capa do álbum 25 – Adele



Fonte: Site Amazon, 2024.

Disponível em: <https://www.amazon.com.br/BMG-BRASIL-LTDA-ADELE-25/dp/B016WW10SA>.

Acesso em: 15 de janeiro de 2024

Acima, pode-se observar uma imagem da cantora britânica Adele³, posando para a capa de seu álbum “25”. A imagem da capa é constituída pelo rosto, em destaque, da própria cantora em preto e branco. “25”⁴, seu terceiro álbum musical, lançado em 2015,

³“Adele (1988) é uma cantora e compositora inglesa. Foi revelação em 2008 pela BBC e ganhadora de dois prêmios Grammy Awards em 2009 nas categorias artista revelação e vocal feminino. A canção "Someone Like You" foi o grande sucesso da cantora. Em 2012 recebeu seis prêmios na 54.ª edição do Grammy”. Disponível em: <https://www.ebiografia.com/adele/>. Acesso em: 27 de fevereiro de 2024.

⁴ Adele demorou dois anos no processo de composição de 25 e viveu muitos altos e baixos nesse período. Desta vez, no entanto, não tinha a ver com um coração partido, mas com o bloqueio artístico. Tanto é que

marcou sua carreira artística. Na imagem acima, assim como em seus demais álbuns, o *Olhar* se torna o protagonista. O olhar significa, haja vista seu funcionamento discurso.

[...] O olhar aqui [...] não se confunde nem com a função dita biológica do olho nem com a condição da organização do campo visual. O olhar, que ora compreendo, se coloca sob a forma de uma estranha contingência simbólica, própria do funcionamento do inconsciente; deriva de uma falta do sujeito. Assim, não se deve conceber o olhar segundo o ponto de referência do sujeito, no qual um olho constitui um campo visual organizado e transparente a partir da associação de um espaço uniforme e estabilizado. O olhar, nesse sentido, não se coloca como condição invisível do campo visual; o olhar é alguma coisa que está entre o olho e os objetos no e do mundo. (SALLES, 2018, p. 95)

Para se entender o olhar enquanto Gesto-sentido é indispensável pensar na tríade: Corpo – Memória Discursiva – Condições de produção. É a partir do corpo, atravessado pela memória discursiva, em determinadas condições de produção, que os sentidos irrompem. O corpo é um espaço de inscrição da linguagem, ou seja, é também constituído por ela e, portanto, torna-se um lugar significativo no arranjar dos sentidos. Assim, o corpo, entremeado pela *memória discursiva*, significa. Segundo França (2020), “O corpo humano, na Análise de Discurso como a materialidade do sujeito, significa e é sempre objeto de representação simbólica de valores e atributos, que contribuem para a construção de processos identitários dos sujeitos, constituindo-os em sua posição sócio-histórica.” Nesse sentido, as formas como o corpo é discursivizado – por intermédio do funcionamento da memória discursiva, da historicidade, das condições de produção – significam.

Na primeira imagem, vê-se a cantora Adele, uma mulher branca, fixando seu olhar para frente. Enquanto discurso, o *corpo feminino branco* está inserido em uma rede de significados histórico-sociais. Desse modo, o "corpo branco" retoma uma memória de “poder”, “dominância” e “aquele que oprime/ opressor”, enquanto o "corpo negro" pode produzir sentidos de “resistência”, “luta” e “marginalização”. Nessa perspectiva, para a AD, o olhar de uma mulher branca aponta para uma rede de significados, diferentemente do olhar de uma mulher negra, afinal, formações discursivas distintas são mobilizadas. De acordo com Orlandi (2001), as palavras mudam de sentido segundo as posições

90% do material escrito em 2013 foi descartado, com a britânica retornando ao estúdio um ano depois. O resultado foi satisfatório e rendeu nada menos do que mais de 3 milhões de cópias vendidas só na primeira semana, nos Estados Unidos. Disponível em: <https://revistaquem.globo.com/Popquem/noticia/2015/12/faixa-faixa-adele-chega-em-25-cheia-de-bagagem-e-nostalgia.html>. Acesso em: 27 de fevereiro de 2024.

daqueles que as empregam. De forma similar (parafrástica e polissêmica) o olhar também pode significar diferentemente a partir do sujeito (sócio-histórico) que olha/ enuncia.

Assim, faz-se cabível afirmar que, para a AD, o corpo negro e o corpo branco apontam para significações diferentes pela Memória Discursiva que os atravessam. Nogueira (1998) defende que esse processo de marginalização data da memória da escravização e desumanização do negro. Em suas palavras, “o negro [...] é herdeiro desse passado histórico que se presentifica na memória social e que se atualiza no preconceito racial”. Ainda é possível compreender essas formas diferentes de discursivização do corpo branco e negro, a partir da memória discursiva do Darwinismo social:

[...] pensamento intelectual [...] que fomentou preconceitos que se cristalizaram nas consciências e até os dias de hoje perseguem as camadas populares [...], inclusive na escola. Assim, [...] a influência do darwinismo social, da eugenia e do racismo “científico” [...] no final do século XIX e meados do século XX foram responsáveis pela introdução da justificativa científica do preconceito racial e social no Brasil. (BOLSANELLO, 1996, p.164)

Logo, não se pode fixar um sentido ao olhar, como se todos os olhares significassem o mesmo, afinal, seu processo de significação também conta com a forma sujeito histórica – indivíduo interpelado pela ideologia e afetado pelo simbólico.

Se pensarmos a materialidade do sujeito na história, introduzimos a relação sujeito, corpo e sentidos, lembrando que o corpo, afetado, como o sujeito, pela ideologia, está vinculado ao corpo social. O modo como isso se dá [...] pela articulação simbólico-política através das instituições e discursos, daí resultando sua identificação com uma formação discursiva e sua posição-sujeito que se insere então na formação social [...] com os sentidos que o identificam em sua posição sujeito na sociedade, em sua dimensão corpo-memória. (ORLANDI, 2022, p. 341)

Assim tomar o olhar enquanto gesto-sentido, enquanto discurso, é entender que sua significação não está colada em si, mas, sim, é produzida a partir da conjuntura histórico-social em que se insere e que, conseqüentemente, seu sentido sempre pode ser outro. “É pela prática do olhar desse sujeito que [...] o discurso do olhar, como materialidade histórica produzida por sujeitos históricos, aponta para a força material do discurso na produção de sentidos” (SALLES, 2018, p. 95 e 96)

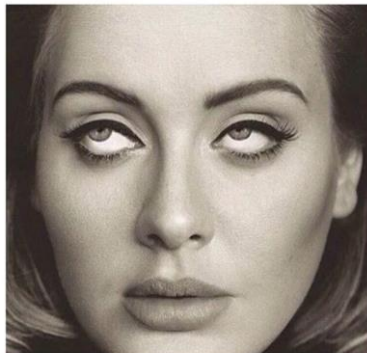
A partir dessa composição, o olhar-corpo pode ser pensado em seu sentido *empírico* – enquanto organismo biológico –, *imaginário* – material concreto, pois quando as especificidades do corpo são interpretadas abre-se a possibilidade de antecipações, representações sociais – e simbólico – porque é constituído por memória discursiva. De minha posição, olho-corpo não é compreendido como uma capacidade orgânica,

física do olhar e do corpo (Salles, 2018, p.100) “mas como gesto de interpretação opticamente possível no discurso” (HASHIGUTI apud SALLES, 2018, p. 100)

Segue, agora, como objeto de análise o seguinte recorte:

Recorte 5: Meme feito com a capa do álbum 25

my reaction to almost everything



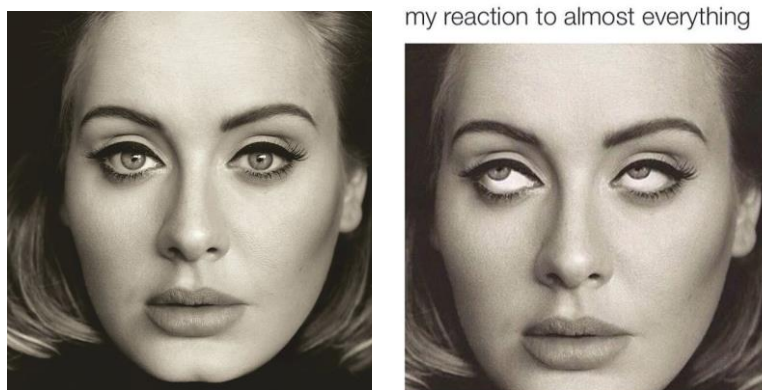
Fonte: Google Imagens, 2024.

Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/657666351817532800/>. Acesso em: 15 de janeiro de 2024

A imagem acima se trata de um meme⁵ que circula na internet, com autoria não identificada, construído a partir da primeira imagem – Capa do álbum “25” de Adele, que, se relaciona a sentidos de “trabalho artístico”, “obra contemporâneo”, dada sua importância para a carreira de Adele. Desse modo, compreende-se que, diante das condições de produção analisadas anteriormente, a imagem da capa do álbum “25” se aproxima de um sentido de “seriedade”. Ao passo que a segunda imagem desloca o sentido de “seriedade”, de “profissional” presente na primeira, haja vista que os olhos virados para cima, no contexto digital, se constituem enquanto um gesto cômico, um meme. Segundo Carrozza e Santos (2012), os memes se constituem como enunciados que constituem diferentes materialidades e que que circulam repetidamente na internet em diversos contextos. Dessa maneira, eles “reclamam sentidos trabalhando no jogo da paráfrase e polissemia, dado o caráter heterogêneo das redes sociais” (CARROZZA e SANTOS, 2012, p. 97)

⁵ No contexto da internet, meme é uma mensagem quase sempre de tom jocoso ou irônico que pode ou não ser acompanhada por uma imagem ou vídeo e que é intensamente compartilhada por usuários nas mídias sociais. O termo foi cunhado pelo zoólogo Richard Dawkins em sua obra *O gene egoísta*, de 1976, para fazer uma comparação com o conceito de gene. Assim, para Dawkins, meme seria "uma unidade de transmissão cultural, ou de imitação", ou seja, tudo aquilo que se transmite através da repetição, como hábitos e costumes dentro de uma determinada cultura. (TORRES, 2016, p. 61)

Recorte 6: Álbum 25 – meme



Fonte: recorte elaborado pelo autor a partir de imagens do Google Imagens, 2024

Assim, ao se tentar produzir o mesmo de uma outra forma, (capa do álbum – meme) algo do sentido sempre se mantém e algo sempre desliza, se desloca. Jogo da Paráfrase e da Polissemia. “[...] o mesmo e o diferente ocupando o mesmo espaço de significação” (PEREIRA, 2021, p. 74)

Quando pensamos discursivamente a linguagem, é difícil traçar limites estritos entre o mesmo e o diferente. Daí consideramos que todo funcionamento da linguagem se assenta na tensão entre processos parafrásticos e processos polissêmicos. Os processos parafrásticos são aqueles pelos quais em todo dizer há sempre algo que se mantém, isto é, o dizível, a memória. A paráfrase representa assim o retorno aos mesmos espaços do dizer. (ORLANDI, 2001, p. 36)

Nesse processo parafrástico no qual algo da capa do álbum “25” se mantém, percebe-se, algo diferente na segunda imagem: olhos voltados para cima. Ato de revirar os olhos para algo ou alguém. Um sinal tido como “deboche”, “zombaria”. (Será mesmo?) Juntamente com a imagem de Adele, agora com “olhos revirados”, o meme também traz os seguintes dizeres “Minha honesta reação para praticamente tudo” (tradução nossa). Assim, no espaço digital e como meme (condições de produção), o Olhar da Adele da segunda imagem se desloca dos sentidos de “seriedade” da primeira e sentidos (outros) de “comicidade” irrompem. No entanto, ainda assim, à luz da AD, não se pode fixar ao olhar da imagem a significação de “olhos brancos”, como mencionado na matéria “Tipos de olhares”, pois seu sentido sempre pode ser outro, haja vista, por exemplo, os “olhos brancos/revirados” por prazer e sentidos outros possíveis para esse Gesto-sentido de revirar os olhos.

Recorte 7: Tipos de olhares – olhos brancos

OLHOS BRANCOS

A pessoa se sente superior ou que não está de acordo com o que alguém lhe diz

Fonte: Psicologia Online

Disponível em: <https://br.psicologia-online.com/tipos-de-olhares-1425.html>. Acesso em: 11 de jan de 2024.

Nessa perspectiva, tal significação de “deboche”, “sentir-se superior”, “estar em desacordo” com o que alguém lhe diz não pode ser engessada ao gesto de revirar os olhos, visto que não é sua única possibilidade de interpretação/sentido, mas, sim, trata-se uma regionalização dos dizeres possíveis para o/ do olhar. Isto é, é uma Formação Discursiva.

As formações discursivas podem ser vistas como regionalizações do interdiscurso, configurações específicas dos discursos em suas relações. O interdiscurso disponibiliza dizeres, determinando, pelo já-dito, aquilo que constitui uma formação discursiva em relação a outra (ORLANDI, 2001, p.43 e 44).

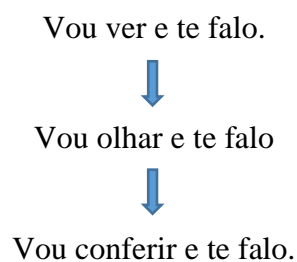
A fim de compreender melhor essa noção da AD, propõe-se o seguinte recorte, um enunciado muito presente no cotidiano, na fala: “Olha pra você ver”. Pode-se dizer que tal frase evidencia diferentes formações discursivas acerca do *Olhar*, por exemplo, aquela presente no dicionário, e tantas outras que estão polarizadas no imaginário: a do olhar enquanto um sentido biológico. Para a AD, tal olhar não pode ser entendido como o único sentido desse gesto, mas, sim, como um sítio de significações possíveis para o/ do *Olhar*, Formação Discursiva.

Desse modo, Eni Orlandi afirma que as palavras (assim como o *Olhar*) não têm sentidos nelas mesmas, mas, sim, derivam seus sentidos das formações discursivas em que se inscrevem. “É pela referência à formação discursiva que podemos compreender, no funcionamento discursivo, os diferentes sentidos. Palavras iguais podem significar diferentemente porque se inscrevem em formações discursivas diferentes” (ORLANDI, 2001, p. 44). Para Pêcheux, formação discursiva seria aquilo que pode e deve ser dito [...] a partir de uma posição dada na conjuntura social. Sendo assim, “isso equivale a afirmar que as palavras, expressões, proposições, etc., recebem seu sentido da formação discursiva na qual são produzidas” (PÊCHEUX, 2009, p. 147).

Um sujeito, por exemplo, ao pedir para alguém que deguste uma comida, sinta o cheiro de um perfume ou, até mesmo, a textura de um tecido, diz: “Olha pra você ver” e não “Deguste pra você saborear”, “Cheire para você sentir” ou “Toque para você sentir”.

Percebe-se aí, portanto, um lugar outro possível de significação (formação discursiva) do/ para o *Olhar* que não o de “mover os olhos para ver” (olhar enquanto sentido biológico), mas, sim, o da “constatação, conferência”. Afinal, quem nunca usou a expressão “dar uma olhada” quando precisava conferir algo?

Ao analisar esse recorte à luz da AD, percebe-se que a formulação *ver* assume uma significação diferente de *ver* enquanto enxergar, abarcar com o sentido da visão. Aqui, o verbo *ver* se encontra numa relação parafrástica e polissêmica com o *olhar*, isso porque, ambos podem ocupar, em determinadas condições de produção, a formação discursiva da conferência, constatação.



As paráfrases estruturadas acima podem auxiliar na compreensão desse funcionamento discursivo, no qual os verbos *ver* e *olhar* se distanciam de sua significação biológica. Isso ocorre porque o *ver* e o *olhar* nas formulações em que se encontram nas paráfrases acima, estão inseridos numa regionalização outra do dizer. Portanto, é possível compreender que essa formulação do *olhar/ver* significa e é significada por sua formação discursiva. “As diferentes formações discursivas regionalizam as posições do sujeito em função do interdiscurso, este significando o saber discursivo que determina as formulações” (ORLANDI, 2012, p. 115).

A força material do olhar, nesse caso, **não é atributo do orgânico**, nem poderia ser. A força material histórica do olhar está na mediação entre os sujeitos, na produção de sentidos em determinadas condições ideológicas de reprodução/transformação das relações de produção (SALLES, 2018, p. 95. Grifo nosso)

Ademais, pode-se notar também várias outras possíveis formações discursivas do/ para o *Olhar*. Ao se pensar, por exemplo, uma situação em que, em uma conversa descontraída, alguém diz para seu interlocutor “Olha lá, hein!”. Nessas condições de produção, é possível entender que esse *Olhar* também se inscreve numa formação discursiva outra, que não a fisiológica, mas, sim, a do olhar enquanto “atenção”.

Olha lá, hein!



Presta atenção, hein!

Ao se imaginar um contexto em que é solicitado que alguém tenha um “olhar diferenciado” para com alguém, também pode-se compreender esse funcionamento discursivo, em que o sentido do *Olhar* desloca-se em relação ao “mover os olhos para ver”. Aqui, ao se dizer “olhar diferenciado” a significação do objeto de análise em questão se desloca para uma outra formação discursiva possível: a do olhar enquanto ato de sentir/sensibilidade e não enquanto um ato fisiológico. Possuir um “olhar diferenciado” sobre/para com algo ou alguém, um “olhar reflexivo”, “olhar atento”, “olhar mais humanizado”, até mesmo um “olhar clínico”, é ter uma sensibilidade mais aguçada para tal e não olhar fisiologicamente de uma outra maneira.

É possível ainda se pensar numa formação discursiva na qual o *Olhar* produz sentidos elencados ao metafísico/ místico. Assim, percebe-se que o dizeres como “mau olhado” e até mesmo “olho gordo” evidenciam uma outra formação discursiva do/ para o *Olhar*. Ou seja, esses dizeres do/sobre o *Olhar* em funcionamento apontam para uma regionalização outra da biológica e do sensível. Compreende-se, então, a partir desses dizeres (e de outros, como “o terceiro olho”) que há uma formação discursiva em que o *Olhar* acontece enquanto “magia”, enquanto “sobrenatural”.

Como mencionado anteriormente, as formações discursivas regionalizam as posições do sujeito e os dizeres em função do *interdiscurso*, o qual, segundo Michel Pêcheux (2010), seria aquilo que, face a um acontecimento discursivo, vem restabelecer os “implícitos”, ou seja, os pré-construídos – a condição do legível em relação ao próprio legível. Sendo assim, faz-se importante mobilizar um movimento de busca/compreensão desses implícitos, os quais possibilitam que o olhar signifique enquanto místico/sobrenatural. A despeito disso:

[...] Lacan destaca a universalidade do mau-olhado, presente em todas as culturas, antigas ou atuais, do Oriente ao Ocidente. Passa pela Bíblia, onde diz haver dezenas de referências a mau-olhado, sem, no entanto, ser encontrada uma única ao bom olho, ao olho que bendiz. [...] E atribui ao olhar esse poder separador, o poder de tirar a vida (FURTADO, 2016, p. 95)

Segundo Pereira (2016), o mau-olhado expressa um desejo de tomada de poder sobre algo ou alguém, seja por inveja ou por má intenção. O conceito de mau-olhado se faz historicamente presente em diversas civilizações, estando, logo, disseminado na cultura popular até a contemporaneidade. Seja em crenças, lendas populares, contos, provérbios ou mitos, tem-se inúmeras alegorias ao mau-olhado e à concepção mística/sobrenatural do olhar. É, pois, possível tomar como exemplo a figura mitológica grega da Medusa, a qual, com um simples olhar, é capaz de petrificar alguém. De maneira análoga, “[...] um mero olhar de uma pessoa invejosa é capaz de *lançar* nos demais as forças e fluidos caracterizados como o mau-olhado” (JÚNIOR, 2010, p. 103).

Desde os primórdios, o ser humano começou a associar partes do corpo a certos poderes sobrenaturais. Entre todas as associações possíveis, o olho é um dos órgãos que mais atraiu a imaginação humana e que mais fomentou a criação de superstições e crenças populares relacionadas ao corpo humano. [...] Desse modo, o imaginário representado pela crença do mau-olhado sinaliza o modo como os indivíduos percebem o mundo sobrenatural por trás das emoções e humores das pessoas e, principalmente, do fascínio e medo exercidos pelo olhar (JÚNIOR, 2010, p. 103).

Nas palavras de Orlandi, “[...] o analista deve procurar um acesso à ordem significante do discurso na constituição dos efeitos de sentidos. Nos bastidores da encenação dos sujeitos e dos sentidos, as formações discursivas funcionam, configurando as relações com o interdiscurso” (ORLANDI, 2012, p. 115 e 116). Sob tal ótica, cabe dizer que, haja vista a memória discursiva – implícitos e pré-construídos – que atravessa o *Olhar*, esse objeto de análise está inserido numa rede de significações (formação discursiva) que apontam para o místico.

No contexto dessa discussão, faz-se ainda possível pensar em duas outras formações discursivas: a do *Olhar* enquanto “cuidado” e enquanto “perspectiva”. Com as paráfrases abaixo, procura-se colocar em evidência essas possibilidades discursivas.

Maria **olha** seu sobrinho todos os dias.



Maria **cuida** de seu sobrinho todos os dias.

Ver o mundo pelo **olhar** do outro



Ver o mundo pela **perspectiva** do outro

Na primeira relação parafrástica estruturada acima, percebe-se que uma formação discursiva do/para o *Olhar* que se constitui enquanto “cuidado”. Quem olha algo ou alguém, toma conta, cuida, vigia. Esse “olhador” pode ou não ver o mundo pelo “olhar” do outro. Surge aí uma formação discursiva outra, evidenciada pela segunda relação parafrástica proposta acima, a do *Olhar* enquanto ponto de vista/perspectiva.

[...] ver, abrir os olhos, ter um novo olhar (em alemão: Ansicht), o que não significa obter uma determinada perspectiva ou visão, mas sim deslocar o olhar para que “nós” estejamos “aqui (lá)” e para que o “lá (aqui)” possa se apresentar a “nós” em sua evidência e “nos” comandar. Deslocar o olhar para que possamos ver de maneira diferente, para que vejamos o que é visível (MASSCHELEIN, 2008, p. 37).

No entanto, será possível realmente enxergar o mundo pelo olhar de outro, ou apenas projetamos nossas próprias experiências e valores sobre ele? A partir dessa ambiguidade, emerge um campo de tensões entre o cuidado e o controle, o empático e o autoritário.

Assim, ao se formular o enunciado “olhar o sobrinho” ou “ver o mundo pelo olhar do outro” pode-se, novamente, compreender como, discursivamente, os efeitos de sentido se deslocam do olhar físico-biológico, sendo possível, dessa maneira, que surjam formações discursivas outras: como a do olhar enquanto atenção, sensibilidade, sobrenatural, cuidado ou perspectiva. Afinal, como disse Marilena Chauí, “quem olha, olha de algum lugar” (CHAUI, 1988, p. 35), o que sugere que toda perspectiva está situada e condicionada por um contexto histórico, cultural e social.

Um outro possível gesto de interpretação pode vir da expressão “olho no olho”, que se elenca a formação discursiva que sugere uma conexão próxima e íntima, muitas vezes associada à confiança, afeto e à autenticidade do contato humano. Esse olhar de cuidado pode vincular-se à formação discursiva do olhar enquanto proteção, cuidado e zelo, mas, ao mesmo tempo, também abre espaço para o questionamento sobre a assimetria de perspectivas. Olhar “nos olhos” do outro implica não apenas perceber o outro como ele é, mas também tentar ver o mundo através de sua perspectiva, criando um laço de confiança e proximidade.

Por fim, resta dizer que essas são apenas algumas formações discursivas possíveis do/para o *Olhar*. Indubitavelmente, as análises produzidas neste trabalho não dão conta

de abarcar todos os sítios do dizer relacionados ao olhar, afinal, para a AD, “o discurso é sempre incompleto assim como são incompletos os sujeitos e os sentidos” (ORLANDI, 2012, p. 113).

Efeitos de conclusão

Este trabalho teórico-analítico emerge da relação do olhar, enquanto discurso, e a noção de Gesto-sentido. Dessa forma, salientou-se que o olhar não deve ser reduzido a um sentido somente, mas sim reconhecido como um espaço de múltiplas significações, que se desdobram em diferentes formações discursivas, revelando-se, assim, a complexidade da linguagem.

Com as análises dos recortes apresentados neste trabalho, como a matéria “Tipos de olhares”, a capa do álbum "25" de Adele e o meme derivado desse álbum, enfatizou-se a noção de corpo, da memória discursiva e das condições de produção na constituição do olhar, enquanto Gesto-sentido, evidenciando como ele é influenciado por uma teia de significações históricas e sociais. Portanto, o olhar não possui significações fixas, mas, sim, desdobra-se em múltiplos efeitos de sentido, dependendo das condições de produção e das formações imaginárias em que se insere. Nesse contexto, o gesto de olhar não pode ser considerado apenas uma expressão individual e ingênua, pois, imerso em uma conjuntura sócio-histórica, diferentes sentidos o atravessam pelo movimento da significação.

Ademais, múltiplas formações discursivas sobre o olhar puderam ser compreendidas pelos gestos de interpretação produzidos pelos processos parafrásticos, jogo entre o interdiscurso e o intradiscurso, trânsito de significações movidas por regionalizações imaginárias, resgatando pré-construídos ao mesmo tempo que aponta para diferentes possibilidades do dizer. Dessa maneira, as paráfrases funcionam como um dispositivo teórico que desestabiliza significações polarizadas e escancara o que é próprio do discurso, como os furos, as falhas e as derivas.

Por fim, este trabalho propõe um outro entendimento do/ sobre o olhar, compreendendo-o como discurso, posto em funcionamento pelo Gesto-sentido, ampliando-se a necessidade de uma reflexão sobre a complexidade das relações entre linguagem, corpo e sociedade. Efeitos de evidência se atrelam às significações possíveis do/ sobre o olhar, revelando a opacidade e a pluralidade das significações que o olhar pode engendrar.

Referências

- BOLSANELLO, M. A. Darwinismo social, eugenia e racismo “científico”: sua repercussão na sociedade e na educação brasileira. Curitiba: *Educ. Rev.* n. 12, p. 153-165, 1996.
- CARROZA, G. & SANTOS, M. Da repetição ao deslocamento: uma análise do funcionamento dos memes. In: FERREIRA, A. & MARTINS, R. (Orgs.) *Linguagem e tecnologia*. Campinas: Editora RG, 2012.
- CHAUI, M. Janela da alma, espelho do mundo. In: NOVAES, Adauto (Org). *O olhar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- FRANÇA, M. A. L. O corpo como lugar de produção de sentidos: uma análise discursiva. *Caletrosópio*. Vol. 8, N. 2, p. 181-197, 2020.
- FRAZÃO, D. Biografia de Adele. Ebiografia, 2023. Disponível em: <https://www.ebiografia.com/adele/>. Acesso em: 27 de fevereiro de 2024.
- FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- FURTADO, D. B. O olho, o olhar e o mau-olhado. *Reverso*, Belo Horizonte, Vol. 38, N. 71, p. 91-98, jun. 2016.
- FURTADO, T. Faixa a Faixa: Adele chega em '25' cheia de bagagem e nostalgia. *Revista Quem*, 2015. Disponível em: <https://revistaquem.globo.com/Popquem/noticia/2015/12/faixa-faixa-adele-chega-em-25-cheia-de-bagagem-e-nostalgia.html>. Acesso em: 27 de fevereiro de 2024.
- GOOGLE, Imagens. Disponível em: <https://www.amazon.com.br/BMG-BRASIL-LTDA-ADELE-25/dp/B016WW10SA>. Acesso em: 15 de janeiro de 2024.
- GOOGLE, Imagens. Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/657666351817532800/>. Acesso em: 15 de janeiro de 2024.
- JÚNIOR, F. C. V. L. O olho do mal: a crença do mau-olhado no imaginário social da cidade de Imperatriz (MA). *Revista Espaço Acadêmico*. Vol. 10, N. 113, p. 102-111, 2010.
- MASSCHELEIN, J. E-ducando o olhar: a necessidade de uma pedagogia pobre. *Educ. Real*. [online]. 2008, vol.33, n.01, pp.35-47.
- NOGUEIRA, I. B. *Significações do corpo negro*. São Paulo: Universidade de São Paulo (USP), 1998.
- ORLANDI, E. P. *Análise de Discurso: princípios & procedimentos*. 3. ed. Campinas: Pontes, 2001.

ORLANDI, E. P. As formas do silêncio: no movimento dos sentidos. 6. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

ORLANDI, E. P. Discurso e Texto: formulação e circulação dos sentidos. 4. ed. Campinas: Pontes, 2012.

ORLANDI, E. P. Forma sujeito histórica e sujeito de direito: as bases da sociedade capitalista e os gestos de interpretação. *Rua*. Vol. 28, N. 2, p. 377-389, 2022.

PÊCHEUX, M. Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução: Eni Puccinelli Orlandi. 4. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2009.

PÊCHEUX, M. Por uma Análise Automática do Discurso. *In*: GADET, F. e HAK, T. Campinas-SP: Editora da UNICAMP, 2014.

PÊCHEUX, M. Papel da memória. *In*: ACHARD, Pierre et al. *Papel da memória*. Tradução: José Horta Nunes. 4. ed. Campinas: Pontes, 2015.

PEREIRA, D. H. (Só)Riso? O sorriso como discurso: pelo movimento do Gesto-Sentido. 1. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2021.

PEREIRA, L. J. S. B. O mau-olhado na cultura popular. *Livros de Atas/Anais do 25º Colóquio da Lusofonia*. p. 188-198, 2016.

SALLES, A. C. Discurso e performance. 1. ed. Campinas: Pontes, 2018.

TIPOS de olhares. *Psicologia-Online*, 2023. Disponível em: <https://br.psicologia-online.com/tipos-de-olhares-1425.html>. Acesso em: 11 de jan de 2024.

TORRES, T. O fenômeno dos memes. *Cienc. Cult.* São Paulo. Vol. 68, N. 3, p. 60-61, 2016.